



Sacrifícios



Por Leandro Reis

Eu estava lá. Aquele crepúsculo, quase oculto pela fumaça que se erguia das casas que ardiam em chamas, havia sido gravado em minha mente como se por ferro em brasa. As crianças, espalhadas pelas ruas, choravam desesperadas à procura de seus pais. Homens e mulheres com olhares vazios tentavam salvar o que podiam, procurando alento em seus bens materiais. O único sacerdote da vila abençoava os corpos daqueles que haviam tombado, garantindo-lhes uma boa jornada junto de Amupherus, a Guia dos Mortos.

Atravessei lentamente aquele caos, sentindo o calor do fogo e a dor da perda junto com aquela gente. Quando passei pelo sacerdote, um jovem cavaleiro, ao seu lado, chamou minha atenção.

Ele orava rente a três corpos: Uma bela mulher e duas crianças, que não passavam de doze anos. Seu nome era Andréas Vanderslake, um Campeão Sagrado ordenado há poucos anos.

Sua armadura estava impecável. A espada colocada na bainha tinha um lenço branco amarrado em seu cabo em sinal de luto. Seu cabelo negro estava minuciosamente penteado para trás. A barba estava aparada, ressaltando o largo bigode. Mas foi seu rosto que me causou espanto. Várias pessoas também observavam o semblante do paladino. Achávamos que a loucura havia se apossado dele, pois seu rosto refletia a felicidade dos bons anos que Marllirian havia tido. Uma época distante da atual, pois uma tragédia caíra sobre o lugar. Andréas, porém, estava feliz. Seus olhos, repletos de felicidade e esperança, não escondiam a alegria e satisfação que sentia, mesmo na frente dos corpos de sua amada esposa e filhos.

Esta história, porém, não tem início nos dias de luto deste Campeão Sagrado. Permita-me retornar no tempo, um ano antes desta tragédia, a fim de explicar como esta cena pôde acontecer.

Andréas reunia seus melhores homens para atender a um pedido de socorro. A vila de Mayfair, cuja agricultura sempre prosperou por localizar-se em uma região chuvosa, havia enviado o pedido que, apesar da rixa entre eles, certamente não seria negado. Na mensagem, se diziam cercados por orcs que visavam os frutos da última colheita antes do inverno. O jovem Campeão, repleto de coragem e fé, partiu então com seus companheiros para auxiliá-lo, atravessando planícies, rios e montanhas até chegar ao local que seria protegido.

Quando avistou a vila, deparou-se com o caos. Apesar do céu limpo e estrelado, e do calmo luar banhando o vale, a visão do que acontecia em torno da vila era assustadora. Centenas de Orcs realizavam um ataque desesperado, massivo e mortal com o objetivo único de destruir aqueles que se opunham entre eles e a comida fácil.

Não havia tempo para perder, Andréas soou sua trombeta, desembainhou sua espada e, após pedir por proteção à deusa da justiça, investiu contra o inimigo, lançando-se no caos da batalha.

Os poucos soldados de Mayfair encontraram esperanças quando viram as forças de Marllirian surgirem da retaguarda inimiga, abrindo caminho até eles. Ao se encontrarem, os homens não trocaram nada mais que olhares esperançosos. Apenas uniram-se e lutaram noite adentro pelas vidas dos inocentes que ali estavam. O ódio e a fome dos orcs os havia transformado em bestas incansáveis, intimidando os homens com tamanha sede de sangue. A batalha, que parecia sem fim, feria a esperança a cada leva de orcs que se lançava contra os defensores.

Quando o alvorecer banhou o horizonte, Andréas, tão cansado quanto seus homens, ouviu o soar de trombetas e não as reconheceu. Eram mais orcs convocando suas forças para recuar e organizar seu ataque final. A ruína de Mayfair estava selada.

Os cavaleiros e soldados desabaram de cansaço quando o calor da batalha os abandonou. Somente Andréas, permaneceu imóvel. Músculos rijos, respiração curta e espada pronta para o ataque que estava por vir. Seus olhos vidrados encheram-se de lágrimas ao perceber que morreria ali, longe de sua mulher e filhos, lutando em defesa da vila. A voz de Tristan, seu melhor amigo, o trouxe de volta à realidade.

- Andréas! Não podemos permanecer aqui, a cidade está condenada. Devemos escoltar este povo até Marllirian.

Um Campeão Sagrado, devoto de Rauny, deveria lutar até a morte para fazer prevalecer o bem e a justiça. Fugir para sobreviver não fazia parte de seus ideais, por isso Andréas respondeu decidido:

- Leve-os! Eu atrasarei o inimigo!

Tristan respirou fundo, colocou a mão no ombro do amigo e pediu pausadamente, clamando por razão:

- Andréas, você não vai atrasar centenas de orcs raivosos. Escute-me. Venha e me ajude a salvar o máximo de vidas que pudermos. Sei que mesmo fugindo, orcs nos seguirão. Porém, o farão em menor número e com menos motivação. Lembre-se que eles querem comida para o inverno. O resto é somente ódio.

O Campeão olhou a sua volta e viu as crianças e mulheres aos prantos e homens com a alma estilhaçada por perderem tudo o que tinham. Então, argumentou:

- Olhe para eles. Como viverão se perderem tudo que têm?

Tristan apertou-lhe o ombro:

- *Eles não irão perder suas vidas. O tempo fechará as feridas e eles terão uma nova chance para experimentar a esperança e apagar a lembrança dos dias ruins. Por favor, meu amigo, me ajude.*

Andréas finalmente concordou. Tristan estava correto. Aos berros, reuniram os homens como puderam, traçaram uma rota de fuga e, antes do retorno do inimigo, os sobreviventes deixaram Mayfair.

A viagem para Marllirian foi árdua e cruel. Os orcs os seguiram e não deixaram de atacá-los por um momento sequer. Os homens lutaram com todas as suas forças pela sua sobrevivência e, após seis dias de fuga, das noventa e oito vidas que saíram de Mayfair, somente trinta e cinco chegaram a Marllirian. Tristan foi um dos vários homens que tombaram bravamente em combate, colocando-se entre os machados inimigos e o povo inocente.

Andréas porém, não tombou. Chegou à sua vila carregando a única criança que sobrevivera. Sua honra fora destruída pela impotência, sua alma fora partida pelo ódio e sua fé fora estilhaçada pela injustiça.

Em seu leito, de volta aos braços de sua amada esposa, ele chorou e jurou que jamais pronunciaria o nome de um deus novamente. Jurou a plenos pulmões que escorraçaria qualquer representante do clero que viesse à sua porta, e assim o fez.

Por ser um Campeão Sagrado, muitos sacerdotes tinham estima por ele e todos, sem exceção vieram, em vão, tentar trazê-lo de volta ao seu caminho. Mas ele havia se perdido. Renegou sua fé e título de Campeão Sagrado e deixou de lutar pelo futuro, para simplesmente sobreviver ao presente. O tempo passou e, um dia, como haveria de ser, a deusa da Justiça fez seu chamado. Através de um sacerdote de terras distantes, chamado Ramirez.

* * *

Andréas estava na parte de trás de sua casa, um local em que havia diversas plantas que sua esposa adorava cuidar. Ele sentia-se à vontade naquele local, conseguindo até mesmo esquecer por alguns segundos dos fantasmas de seu passado.

Sua esposa havia saído para comprar algumas verduras no velho Jonathan e quando chegou, aproximou-se por trás abraçando-o fortemente. Ele, após virar-se para beijá-la, retribuiu o carinho. Tão logo a soltou, ela revelou algo que acontecera:

- *Um sacerdote de Rauny veio a mim, querido.* – Disse ela, com olhar afetuoso.

As sobrancelhas do homem curvaram-se, seu rosto tornou-se hostil. Teria blasfemado se ela lhe desse tempo, mas ela continuou antes:

- *Você sabe que jamais deixei de acreditar... Sempre respeitei sua escolha. Mas nunca deixei de orar para Rauny, implorando para que ela iluminasse sua alma. O sacerdote Ramirez, veio falar sobre mim, sobre meu futuro e sobre meu objetivo nesta vida.*

Andréas estranhou.

- *O que ele disse?* – perguntou carrancudo.

- *Ele mostrou minha missão.*

O homem queria acabar a conversa ali mesmo, porém, a curiosidade falou mais alto:

- *O que ele disse? Fale logo mulher.*

As crianças a viram e correram para abraçá-la. Ela retribuiu os abraços e logo que levaram as verduras para dentro da casa, ela as seguiu. Na porta, voltou-se novamente ao marido, que esperava sua resposta:

- *Eu vim a este mundo para tornar-me o pilar da sua fé. Serei o motivo da sua devoção.*

Andréas riu incrédulo. Esperou-a entrar, fitando o vazio. O ódio crescia dentro dele. Levantou-se raivoso, atirou um vaso para longe e saiu correndo com o objetivo de encontrar o tal Ramirez.

Procurando pela vila não demorou a encontrá-lo. O homem novo tinha cabelos negros e um semblante sereno. Usava trajes brancos por baixo de uma cota de malha. Um longo cajado de madeira estava encostado ao seu lado. Ramirez ostentava em seu pescoço um símbolo de prata, um octógono, com a figura de uma espada em posição vertical na frente de uma balança. Ele aguardava, com ar sereno, ao lado do poço de água, no centro da vila.

Andréas pensou em esmurrá-lo, mas faltou-lhe coragem. Pensou em xingar-lhe, mas faltaram-lhe palavras. Parou a frente do homem santo e observou-o, sem saber o que fazer. Ramirez era diferente dos outros sacerdotes. Ele emanava uma energia que envolvia Andréas, fazendo-o sentir-se pequeno. O sacerdote não tardou a falar. Sua voz, serena, transmitia tranquilidade:

- *Não vim provocar-lhe, Campeão Sagrado. Vim trazer revelações à sua esposa e um presente a você.*

Retirando o símbolo sagrado do pescoço, revelou uma inscrição e leu-a em voz alta:

- *Aurian tesne mayra in korith tes alnior.*

Explicou:

- *É draconiano, um provérbio passado a nós pelos antigos dragões bondosos. Quer dizer: “Olhai através do véu e conhecerá o verdadeiro eu”.*

- *Besteira.* – Andréas finalmente conseguiu falar.

Ramirez encarou-o severamente, fazendo-o calar-se, depois continuou:

- *Te dou esse medalhão de livre e espontânea vontade. Ele possui um dom especial, concedido a poucos nesta época, que permitirá a você que veja e converse com aqueles que estão no plano espiritual.*

Andréas negou com a cabeça e, erguendo a voz, questionou:

- *Falar com os mortos? O que devo perguntar? Devo perguntar às crianças que vi morrer se elas sentiram dor? Devo perguntar a elas se os Deuses explicaram porque os orcs mataram seus pais e depois as mataram?*

O sacerdote não moveu os lábios, sabia que o homem responderia as suas próprias indagações.

- *Não. Não há o que perguntar aos mortos. Saia daqui maldito! Diga aos sacerdotes de sua ordem que Andréas não tem mais interesse nas suas mentiras!*

Ramirez colocou o medalhão na borda do poço, enquanto pegava o cajado para partir:

- *A vida é feita de escolhas Andréas. Sinto que você ainda não fez a sua.* – Disse ele.

Andréas pegou o medalhão e arremessou-o poço adentro. O sacerdote parou, indignado.

- *Vá!* – Gritou o homem, ameaçando o sacerdote.

Ramirez partiu para nunca mais voltar, sua tarefa estava cumprida.

Andréas decidiu esquecer tudo aquilo. Mas encontros como este nós não esquecemos, nós os guardamos em um cantinho de nossa cabeça até o momento em que precisarmos nos lembrar.

* * *

Um novo inverno aproximava-se e a tribo orc, que ostentava a alcunha de “Olho Furado”, havia forjado uma aliança com gigantes das montanhas. O objetivo era repetir o mesmo que a tribo orc do leste havia conseguido há poucos anos, quando pilharam a vila de Mayfair. Os orcs estavam em menor número desta vez, mas os gigantes deveriam compensar tal diferença. E com essa milícia eles prepararam seu ataque.

Naquela noite Andréas teve um sonho estranho, onde gigantescos olhos prateados diziam que sua família ficaria bem. Incomodado por julgar que tais olhos eram da própria Rauny, levantou-se e perambulou sozinho pela vila, procurando por ideais e sentimentos antigos. E, por um milagre, pôde ver as tochas do inimigo ao longe, tendo a chance de acordar todos.

O mesmo inferno que vivenciara começava a se repetir. As mulheres levavam seus filhos para o centro da vila. Crianças choravam. Soldados abraçavam suas amadas.

O regente de Marllirian, Sir Thomas Marllir, veio a ele e pediu ajuda. Não foi preciso insistir. Thomas era um homem excessivamente forte, que também seguia a deusa da justiça. Um Campeão Sagrado experiente que o iniciou no caminho da fé.

Sem pensar em recusar, Andréas correu para casa e colocou sua armadura. Viu sua mulher com as crianças e desesperou-se.

- *O que ainda fazem aqui?* – indagou.

Ela o olhou, sorriu e respondeu calmamente:

- *Estamos seguros aqui.*

Sem tempo para discutir, ele confiou nela e, após um rápido beijo, abraçou seus filhos, saindo em disparada pela porta.

Os homens reuniam-se no portão norte. Andréas parou próximo aos líderes e ouviu seus planos. Um capitão de Thomas aconselhava:

- *Vamos atacá-los de surpresa, esmagá-los contra seus próprios homens.*

Thomas olhou para todos e declarou:

- *Não sabemos quantos são. Sua idéia seria boa se tivéssemos uma cavalaria. Quero os arqueiros em cima das casas. Metade dos homens virá comigo, iremos nos posicionar entre eles e a cidade.*

Após uma pausa, percebeu que todos aprovavam a estratégia, então continuou:

- *A outra metade ficará aqui. Vocês protegerão as ruas de orcs que passarem por nós. Eu encontrarei e matarei o líder deles. Quando o fizer tocarei minha corneta. Após este sinal estaremos recuando para a cidade. Reagruparemos no centro da vila para expulsar o restante desses vermes de volta para suas tocas.*

Andréas aproximou-se do paladino e ofereceu-se:

- *Vou com o senhor.*

Thomas estudou-o antes de negar.

- *Não, você tem experiência em defesa interna. Fique aqui e proteja nossas famílias. A Senhora da Justiça está com você, posso senti-la aqui, hoje.*

Com um simples comando, os homens, que já haviam se dividido, seguiram Thomas noite adentro. Andréas permaneceu onde estava, com os pelos arrepiados e olhos

arregalados. As palavras de seu antigo tutor trouxeram à tona os sentimentos que ele procurava.

Os tambores orcs começaram a tocar. Aproximando-se lentamente, aumentando a intensidade cada vez mais. Ouviu-se o grito de guerra dos soldados e um coro de vozes raivosas ergueu-se no horizonte. Os homens na vila pouco conseguiam ver do confronto que iniciava.

O som do aço contra o aço, os gritos da batalha e os tambores aproximando-se formou uma cacofonia assustadora. Andréas olhou para o céu e sentiu um imenso vazio ao impedir a si mesmo de fazer sua prece. Alguém gritou:

- *Estão vindo!*

Andréas fechou seus olhos e concentrou-se. Estava sozinho, posicionado entre duas casas, e vultos com tochas aproximavam-se rapidamente. Três deles, imensos, também haviam passado pela defesa inicial e aproximavam-se dispersos entre os orcs.

O primeiro inimigo chegou a ele e o calor da batalha se apresentou. Sua fúria superava a investida do orc que, pego de surpresa, mal viu o que o abateu. Outros passaram por ele, alguns enfrentando-o, outros atirando as tochas sobre as casas de madeira, correndo vila adentro.

O som caótico da batalha preencheu as ruas. Os homens tinham vantagem óbvia. Andréas recuou para se posicionar melhor e passou a lutar lado a lado com um antigo amigo.

O primeiro gigante apareceu, três vezes maior que um homem comum. A clava do monstro atravessou uma casa acertando dois soldados no caminho. Todos se apavoraram. Andréas estava longe e pensou em correr contra o gigante, mas decidiu enfrentar outros orcs que se aproximavam com tochas.

Um dos arqueiros nas casas alvejava a criatura gigantesca quando o segundo e terceiro gigante invadiram o outro lado da vila. As flechas apenas os irritavam. A esperança falhou. Andréas baixou a cabeça e pensou consigo:

- *Perderemos novamente.*

Superando os lamentos e o som do aço e do fogo, a trombeta de Thomas Marllir soou de forma clara. O líder dos orcs estava morto e eles estavam retornando. Andréas ergueu a cabeça e investiu contra um grupo de invasores. Havia esperança. Enfrentou quatro orcs como se fossem um. Atacou com força renovada, aniquilando qualquer inimigo que se punha em seu caminho. Os homens estavam vencendo, seria diferente desta vez.

Gritos desesperados chamaram sua atenção, olhou para a esquerda e viu que os dois gigantes aproximavam-se da construção onde as mulheres e crianças estavam. Apenas dois soldados os separavam do refúgio. Todos os outros haviam tombado. Começou a correr quando chamaram na direção oposta:

- *Andréas, veja!*

Um amigo apontava outro gigante. Andréas desesperou-se ao ver que sua casa estava no caminho da outra criatura. Deu dois passos em direção à sua esposa e filhos, mas cessou. Olhou novamente para a casa com as mulheres e crianças. Um dos soldados corria para salvar-se. O outro segurava uma lança, tentando inutilmente, ameaçar os dois gigantes.

Andréas olhou novamente para sua casa, indeciso. Tinha pouco tempo. Olhou para os dois gigantes, na direção oposta, que se preparavam para atacar o soldado. Lembrou-se de seu sonho, o mesmo que o fizera perambular pela cidade. Seus olhos encheram-se de lágrimas e elas verteram por seu rosto. Suas pernas tremeram. Olhou mais uma vez para a

própria casa e partiu para o lado oposto o mais rápido que pode, em auxílio às várias famílias em perigo.

A clava acertou o soldado com a lança, arremessando-o na direção de Andréas. A arma caiu a poucos metros dele. Habilmente ele pegou-a do chão, sem cessar sua investida. Continuou a correr gritando e agitando os braços. Um dos gigantes voltou-se para ele. O outro se preparou para atacar a construção.

Andréas pediu auxílio à Rauny, segurou a lança acima da cabeça e preparou-se para arremessá-la. Deu dois passos largos e lançou-a com tanta força que foi ao chão. A arma cortou o céu e atingiu a cabeça da criatura em cheio. O gigante cambaleou e tombou para o lado, esmagando uma carroça. Restava apenas o outro.

Pegou a espada e escudo e pulou de lado pouco antes que a clava do gigante enfurecido o esmagasse. Levantou-se rapidamente e começou a afastar-se da casa, trazendo a criatura consigo.

Mais uma vez a clava se ergueu. Ele preparou-se para receber o ataque e habilmente esquivou-se. A clava atingiu o chão violentamente. Aproveitando-se dos movimentos amplos e desajeitados, correu até a perna da criatura e cravou sua espada no calcanhar.

Sabia que isto apenas a irritaria. Afastou-se mais da casa e o gigante o seguiu. Esquivou de outro golpe e escondeu-se atrás de uma carroça em chamas. Tão logo se protegeu, cruzou os olhos com os de Thomas e seus homens, que retornavam.

Largou o escudo, despreendeu o pesado peitoral da armadura e correu para sua casa. Outros soldados, que tomaram seu lugar, ainda enfrentavam o gigante furioso enquanto Andréas se afastava.

Quando chegou à sua casa, um calafrio agourento percorreu sua alma, revirando seu estomago. A casa onde criara seus filhos havia sido reduzida a gravetos. Procurou desesperado, por intermináveis minutos, até encontrar o que queria: os corpos de sua mulher e filhos.

As pernas do guerreiro cederam, seu corpo tremeu e, em meio aos soluços, ele deixou-se cair no chão. Repetia desesperadamente para si:

- Eu confiei em ti...

Seu choro e sua dor intensificavam-se cada vez que repetia isso para si. Havia sido ingênuo o suficiente para acreditar que Rauny protegeria sua família. Ali permaneceu até que amanhecesse. Os homens souberam de seu ato heróico e, constrangidos, não tiveram coragem de agradecê-lo por ter dado sua família em troca da deles.

Com muito custo levantou-se e começou a caminhar sem rumo. O olhar perdido. A mente fragmentada. Mas algo, que estava guardado no cantinho de sua mente, voltou à tona. Seus olhos tomaram vida e ele começou a correr para o centro da vila. Chegou ao poço onde encontrara o sacerdote Ramirez, meses atrás. Inclinou-se sobre ele e, ao ver o brilho do medalhão, jogou-se. Dois homens tentaram impedi-lo, mas era tarde.

Andréas atingiu a água e afundou rapidamente devido às partes da armadura que ainda vestia. Chegando ao fundo pegou o Símbolo Sagrado e tentou voltar à superfície. Quase desmaiou antes de poder respirar novamente. Vários homens gritavam e jogavam cordas, preparando-se para resgatá-lo.

Ignorando-os, colocou o símbolo de Rauny no pescoço e pensou em sua esposa.

- Faith. – Ele chamou. E, sentindo o corpo leve, teve a impressão de desmaiar. Não mais estava molhado, cansado ou ferido. Olhou para baixo e viu a si mesmo, na água.

Olhou novamente para cima os homens não estavam mais ali. Ele não estava mais no poço, estava nos fundos de sua casa e ela estava intacta. Faith estava parada à sua frente, sorrindo.

Ele pasmou e, ajoelhando-se, pediu perdão. Ela consolou-o e alertou:

- *Não temos muito tempo.* – Disse ela. – *Toda vida tem um início e um fim. Toda ação tem uma causa. Nada acontece sem que os deuses saibam. Nada escapa ao plano deles. Não se culpe por nos sacrificar. Lembre-se do que eu disse, quando você me viu pela última vez.*

Ele lembrou-se:

- *Você disse que era seguro.*

Ela respondeu.

- *E era. Nada de ruim me aconteceu. Eu apenas encerrei uma etapa de minha vida.*

- *Por que tanto sofrimento? Por que tanto caos? O que os deuses querem provar?* –

Perguntou, ainda ajoelhado.

- *Não há caos. Há causa e efeito. Acredite quando lhe disserem que depois da tempestade vem a bonança. Depois do ataque orc a Mayfair, a rixa entre nossas vilas acabou por completo. Nosso amor próprio e nossa paixão foram elevados após experimentarmos o horror do ódio. Pense, e você sempre achará a causa. Observe, e você sempre verá o pêndulo do equilíbrio nos acontecimentos, sejam quais forem.*

Andréas abraçou-a. Viu as crianças por sobre os ombros dela. Ambas acenaram para ele. Então ele contou a sua esposa o que sonhara nesta noite:

- *Eu sonhei que dois olhos gigantes, prateados, me observavam do norte. Uma voz me disse que uma missão me seria dada e que ao cumpri-la eu salvaria incontáveis vidas. A voz me disse que vocês estariam seguros. Por isso permiti que vocês ficassem em casa. Por isso eu escolhi cumprir a missão que Thomas me deu ao invés de proteger vocês.*

Ela concordou com a cabeça enquanto limpava as lágrimas do marido. Depois acrescentou:

- *Seu ato de coragem e sacrifício ecoará por séculos e será exemplo a vários guerreiros santos. Cada vida que você salvou aprendeu uma lição de amor que não será esquecida por séculos.*

Sorrindo, ela continuou.

- *És um Campeão Sagrado Andréas. Sua fé despertou no momento em que acreditou em seu sonho. Você jamais deixou de tê-la. Você apenas a reprimiu e recusou-se a ouvir a inspiração que lhe foi enviada dia após dia.*

Ele baixou a cabeça, lembrou-se de um ensinamento antigo e percebeu que a prova estava diante dele. Falou a si próprio.

- *O que chamamos de morte é na verdade renovação, não há porque me culpar tanto por aqueles que partiram. Minha missão não era somente defendê-los, mas sim deixar o exemplo de virtude.*

O paladino assentiu, afastou-se, segurou-a pelas mãos e, emocionado, admitiu:

- *Sei que vou sentir sua falta... Você cumpriu sua missão Faith, mas é hora de Andréas Vanderslake voltar e cumprir a sua.*

O Campeão então acordou. Estava deitado no chão, próximo a uma taverna. Todos, inclusive Sir Thomas, o encaravam espantados.

Ele levantou sem pressa, encarou os céus e sorriu. Sem dizer uma única palavra, levantou-se e foi se banhar para prestar as honras à sua família, como já lhes contei, livre de

qualquer sofrimento de perda. Todos acharam que ele estava louco. Ao contrário disto, Andréas estava consciente.

Sua fé foi renovada e uma nova etapa de sua vida começava. Suas primeiras palavras após seu luto, são repetidas até hoje, servindo de inspiração aos jovens Campeões Sagrados:

- Benditos sejam aqueles que acreditam sem nunca ter visto, pois a eles pertence a verdadeira fé.

Crônicas de Grinmelken
WWW.GRINMELKEN.COM.BR